

A IMPLEMENTAÇÃO DE ATIVIDADES LÚDICAS PARA A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Ana Margarida Simões

ana_margarida17@hotmail.com

Rita Brito

britoarita@gmail.com

Resumo:

Os valores que aprendemos na nossa infância são os valores que permanecem ao longo da nossa vida. No entanto na sociedade de hoje existe muito individualismo e também perda de bons valores, acabando por serem esquecidos e não transmitidos às crianças. “Os valores não se “ensinam”, mas vivem-se na ação conjunta e nas relações com os outros” (ME, 1997, p.52). Através do valor cooperação pretende-se que as crianças se preocupem e pensem nos outros, comuniquem, partilhem e ajudem-se mutuamente. Todas as crianças que participem em atividades lúdicas adquirem novos conhecimentos e desenvolvem aptidões de forma natural e agradável, desta forma gera-se um forte interesse em aprender.

A aprendizagem cooperativa é um método muito eficaz e eficiente, tanto no ensino, como na aprendizagem das crianças. Isto comparado com o ensino tradicional onde a criança tem um papel passivo e com poucas responsabilidades.

No jardim-de-infância onde foi realizada a prática pedagógica observou-se que as crianças têm dificuldades em cooperar, ouvir o próximo, aceitar as ideias dos outros e trabalhar em conjunto de forma não conflituosa. Deste modo, foi decidido abordar a cooperação através de atividades lúdicas, inculcando, explorando, desenvolvendo e promovendo este valor e a importância do mesmo. Para isso, foram desenvolvidas cinco atividades com vista à promoção da aprendizagem cooperativa, numa sala de Educação Pré-Escolar com 25 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos. Tendo sido os seus resultados bastante satisfatórios e ultrapassando as expectativas com a implementação da última atividade.

Foi utilizada uma abordagem qualitativa como forma de recolha de dados, nomeadamente a investigação-ação, tendo sido realizadas grelhas de observação/avaliação, fotografias e entrevista à educadora. O investigador adotou o tipo de observação propriamente dita.

As crianças empenharam-se na realização das atividades, adquiriam várias competências sociais e cognitivas, e segundo a educadora o grupo continua a colocar em prática o valor da cooperação. Deste modo, é de considerar que a aplicação do plano de ação possui consequências positivas para as mesmas.

Palavras-chave: Atividades lúdicas, Aprendizagem cooperativa, Pré-escolar.

Introdução:

A presente comunicação refere a importância da aprendizagem cooperativa na educação pré-escolar e os benefícios das atividades lúdicas. Decidimos desenvolver este tema porque no jardim-de-infância onde é efetuada a prática pedagógica verificou-se que as crianças têm dificuldades num valor tão importante como o da cooperação, ou seja em trabalhar em grupo de forma não conflituosa, em ouvir o próximo e em aceitar ideias diferentes. Deste modo resolvemos abordar a cooperação inculcando este valor e desenvolvendo o mesmo, mostrando a sua importância. Para Lopes e Silva (2009, p.15) a cooperação não deve ser entendida como “pôr os alunos sentados à volta da mesa, a falar uns com os outros enquanto fazem os trabalhos individuais; pôr os alunos a fazerem uma tarefa individualmente com instruções para os que terminem primeiro ajude os colegas mais atrasados; ou atribuir uma tarefa a um grupo em que um aluno faz todo o trabalho e os outros escrevem o nome”. A aprendizagem cooperativa envolve a troca de ideias, construir e trabalhar em conjunto.

Optámos por trabalhar a aprendizagem cooperativa através de atividades lúdicas porque estas são prazerosas para a criança. Existem muitas definições de atividades lúdicas não abrangendo apenas jogos como a maioria das pessoas pensam. Atividades lúdicas, de acordo com Maluf (2009), é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem a pratica, neste caso as crianças. São lúdicas as atividades que propiciam a experiência completa do

momento. A atividade lúdica pode ser uma brincadeira, um jogo, um desenho, um teatro ou qualquer outra atividade que proporciona comunicação.

Com a implementação de atividades lúdicas, temos como principais objetivos promover a aprendizagem cooperativa, assim como impulsionar o desenvolvimento da comunicação e da comunicação entre as crianças.

Na presente comunicação, para além desta componente introdutória, de seguida apresentamos uma pequena fundamentação teórica, a metodologia utilizada, a apresentação e análise de dados, uma pequena conclusão e por fim, as referências bibliográficas.

1. Fundamentação teórica

1.1. Atividades lúdicas e a sua importância

De acordo com Almeida (1995, citado por Santos, 2009, p.17), “A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento”. Considera-se que a atividade lúdica é uma forma de melhorar a educação, pois melhora a relação entre indivíduos e também pode servir para redefinir valores. A formação de toda a criança é influenciada por atividades lúdicas, quer seja diretamente ou indiretamente. Através do ato de brincar, a criança adquire novos conhecimentos e habilidades, torna-se crítica e criativa, dedica-se, entrega-se e interage com o meio e com as outras crianças.

Segundo Santos (2009, p. 18), as atividades lúdicas são uma forma prazerosa onde a criança pode descobrir, criar e aprender. Desta forma, cabe ao educador desenvolver atividades de forma a “compreender o lúdico como algo significativo para a criança”, para que a mesma possa conhecer e construir os seus conhecimentos. É através de atividades lúdicas que se obtém uma “educação de qualidade, indo ao encontro dos interesses e necessidades” de cada criança.

Através de atividades lúdicas a criança relaciona-se com o mundo, forma conceitos e socializa, desenvolve as suas habilidade e aprende a comunicar e interagir com as outras crianças tirando prazer destas atividades. De acordo com Negrini (1994, citado por Santos, 2009), as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento global da criança e todas as dimensões estão

presentemente marcadas, como a inteligência, a afetividade, a motricidade e a socialização que são indispensáveis para o desenvolvimento da mesma.

1.2. Aprendizagem cooperativa e a sua importância

Atualmente, em muitas escolas, a aprendizagem é feita de forma individual e solitária, sob o olhar atento do professor e seguindo as orientações do mesmo, e muitas vezes de forma competitiva. Esta é uma cultura individualista, um ensino tradicional (aprendizagem individual e competitiva), onde o sucesso do aluno é relativo ou dependente do fracasso do outro. É evidente que neste ensino tradicional não são contempladas interações entre os alunos, por isso a implementação de atividades/trabalhos de caráter cooperativo é menos visível. Cabe à escola e ao professor explorar novas situações para que a criança comece a ter noções de convivência e de inter-relações com os outros. Postic (1992, citado por Fernandes 2012, p. 12) refere que “a escola é um local de confronto com o mundo social. Nela a criança observa os outros, adquire o conhecimento dos comportamentos do próximo, das intenções, dos valores, das normas que os sustentam. Deseja desempenhar o papel de certos camaradas, dos quais inveja o estatuto. Experimenta o que poderia torná-la semelhante a estes e constata resultados disso. São essas experiências que lhe permitem conhecer a sua distância relativamente aos outros e que lhe reflectem a sua própria imagem.”

Posto isto, Ribeiro (2006, p.1) refere que a nova cultura de aprendizagem vem fazer frente aos antigos cenários tradicionais. Estes cenários eram marcados por uma aprendizagem solitária e individualista, muitas vezes de forma competitiva, uma vez que a nova cultura de aprendizagem propõe uma atividade social, cooperativa e não apenas uma atividade individual.

A aprendizagem cooperativa sendo uma estratégia de ensino baseada na interação social, é uma alternativa eficaz ao ensino tradicional.

As primeiras investigações sobre os efeitos da utilização de três tipos de estruturas: individuais, competitivas ou cooperativas sobre variáveis como a realização e a produtividade, referem-se ao século XX. No entanto, é a partir do 1970 que se iniciou a investigação sobre a aplicação das estruturas, nas salas de aula (Johnson e Johnson, 1994; Slavin, 1996, cit. por Bessa e Fontain, 2002). Desde 1898 já foram realizados cerca de 550 estudos experimentais e cerca de 100

correlacionais, incluindo os três tipos de estruturas de aprendizagem. Em 323 estudos relacionados com a aprendizagem cooperativa, foi verificado que 90% dos estudos foram realizados depois de 1960, e 2/3 desde 1970 (Johnson e Johnson, 1990, cit. por Bessa e Fontain, 2002).

Segundo Schmuck (1985, cit. por Bessa e Fontain, 2002, p. 124) “As estruturas cooperativas obrigam à manutenção e satisfação de objectivos em quadros sociais de interdependência e reciprocidade e definem-se pelo facto de diferentes indivíduos orientarem os seus esforços no sentido de atingirem objectivos comuns.” Slavin (1983), ainda citado pelos mesmos autores Bessa e Fontain (2002, p. 124), diz-nos que 46 estudos revelaram que existem diferenças significativas no sucesso escolar dos alunos a favor da aprendizagem cooperativa. Em 63% dos casos, apenas 4% (2 estudos) apresentam diferenças negativas, os restantes 33% não apresentam diferenças. Num segundo estudo com 99 alunos, 64% apresentaram resultados positivos, 31% não apresentaram diferenças significativas e cerca de 5% apresentaram resultados negativos. Na mesma perspetiva de resultados obtidos por Johnson e Johnson (1990, cit. por Bessa e Fontain, 2002, p. 124), ”mostram uma maior eficácia da aprendizagem cooperativa face às restantes estruturas.”

Os aspetos negativos e positivos referidos pelos diferentes autores acima mencionados vão ao encontro das vantagens e desvantagens da aprendizagem cooperativa (Tabela 1).

Tabela 1 – Vantagens e desvantagens da aprendizagem cooperativa

Vantagens	Desvantagens
A nível social, psicológico, académico e de avaliação	Dispersão de responsabilidade
Melhoria das relações interpessoais	Ritmos de trabalho diferentes
Melhoria das aprendizagens na escola	Falta de motivação da parte do professor para aplicar a aprendizagem cooperativa
Maior capacidade em aceitar diferentes perspetivas	Dificuldades em encontrar parâmetros de avaliação
Melhoria de autoestima	

Redução de problemas disciplinares

Aquisição de competências para trabalhar com os outros

Melhoria nas competências e pensamento crítico

Desta forma podemos concluir que a aprendizagem cooperativa é um método eficaz que se torna mais eficiente no ensino e na aprendizagem dos alunos, comparativamente às aulas lecionadas no ensino tradicional (Freitas, 1997).

1.3. Características dos Grupos de Aprendizagem Cooperativa

Segundo Lopes e Silva (2008) a maior parte dos educadores pensam que estão a colocar em prática a aprendizagem cooperativa com as crianças, mas a verdade é que não o estão. Como acima referimos, pôr as crianças a trabalhar em grupo para aprenderem, não significa que se está a estruturar a cooperação entre as mesmas.

Para que um grupo realize um trabalho cooperativo, é necessário que estejam, presentes cinco elementos essenciais ou básicos da aprendizagem cooperativa (Johnson e Johnson, 1989, Johnson, Johnson e Holubec, 1993, citados por Lopes e Silva, 2008):

- A interdependência positiva
- A responsabilidade individual e de grupo
- A interação estimuladora preferencialmente face a face
- As competências sociais
- O processo de avaliação do grupo

1.4. Competências de Cooperação

Trabalhar em equipa implica disponibilidade pessoal, atitudes e comportamentos concretos, tais como o saber ouvir, o saber comunicar e até o saber estar. Estas são competências que se aprendem o longo da vida mediadas, não só pelos pais, mas também pelos educadores e

professores. Constituem comportamentos que não podem ser dissociados das competências cognitivas.

Já as competências sociais são “ensinadas”, mas não da forma de transmitir e sim através de experiência e vivência de situações reais e simuladas. Estas competências podem ser consideradas “competências de vida e constituem um meio de o indivíduo se poder adaptar à mudança” (Cochito, 2004, p.34). As competências sociais são, normalmente, integradas nas atividades da sala de aula, e realçam-se de modo sistemático e recorrente.

1.5. Que Papéis Podem as Crianças Desempenhar nas Atividades Cooperativas

O educador deve ter a preocupação de que todas as crianças aprendam a desempenhar papéis, independentemente da preocupação da criança conseguir executá-los. Ser capaz de desempenhar vários papéis é uma competência cooperativa muito importante, exigindo que o educador planifique atividades com o objetivo específico de possibilitar às crianças treino para cooperarem.

De acordo com Lopes e Silva (2008), existem três grandes regras que devem ser aplicadas aos papéis que as crianças podem desempenhar nas diversas atividades cooperativas:

1. Cada membro da equipa deve desempenhar um papel;
2. É importante referir que todos os papéis são importantes e nenhum é mais importante do que o outro;
3. E as crianças devem perceber que têm oportunidade de desempenhar todos os papéis.

1.6. O Papel do Educador/Professor na Aprendizagem Cooperativa

Na aprendizagem cooperativa, o educador deve assumir um papel que dá ênfase a um grande equilíbrio entre o educador e as crianças. Estas, no ensino-aprendizagem dita tradicional, tinham um papel passivo, com a estratégia da aprendizagem cooperativa as crianças passam a ter um papel ativo (Ludovino, 2012).

O educador é um facilitador e um orientador de todo o processo de aprendizagem cooperativa, promove e implementa atividades que possibilitam às crianças descobertas feitas por elas

próprias, de conceitos diferentes e de temas que precisam de perceber/compreender e, por consequência, interiorizar.

Na aprendizagem cooperativa, as crianças é que desempenham a tarefa principal – desenvolver e realizar o trabalho todo. Segundo Freitas e Freitas (2002, citados por Jacó, 2012), o educador monitoriza todos os grupos e controla-os, presta ajuda necessária e fornece incentivos para que haja um ambiente bom e calmo, de trabalho e de cooperação.

1.7. Como Proceder para Implementar a Aprendizagem Cooperativa

Lopes e Silva (2008) referem conselhos para a implementação da aprendizagem cooperativa (Tabela 2).

Tabela 2 - Conselhos para implementar a aprendizagem cooperativa

Conselhos para implementar a aprendizagem cooperativa
1- Começar por grupos de duas crianças e conservar a dimensão dos grupos restrita
2- Começar por um ou dois grupos de cada vez durante o período de jogos livres
3- Ter em mente o estágio de desenvolvimento das crianças
4- Criar atividades baseadas em experiências concretas
5- Ser criativo, servindo-se do material e do equipamento que tem à mão
6- Reservar tempo para trocar impressões com as crianças sobre a atividade
7- Planificar e fazer a experiência com um colega a fim de se incentivarem mutuamente

De acordo com Lopes e Silva (2009), existem três etapas para a implementação da aprendizagem cooperativa: a pré-implementação, a implementação e a pós-implementação. Na pré-implementação o educador/professor deve especificar os objetivos de ensino académico e sociais; determinar o tamanho do grupo e distribuir os alunos por vários grupos; atribuir papéis aos alunos do grupo; arranjo ou disposição da sala; planificar materiais de ensino para promover a interdependência; distribuir tarefas; estabelecer os critérios de sucesso; estruturar a interdependência positiva e a responsabilidade; e por fim, estabelecer os comportamentos

desejados. Durante a implementação o educador/professor deve: controlar o comportamento do grupo; intervir quando necessário; prestar ajuda; e elogiar. Na pós-implementação deve: promover o encerramento através de uma síntese, avaliar a aprendizagem e refletir o trabalho desenvolvido.

2. Metodologia

2.1. Abordagem de investigação

No que respeita à metodologia utilizada para a recolha de dados, privilegiou-se a investigação-ação. Esta possui um carácter qualitativo, predominantemente descritivo, devendo esta descrição ser rigorosa e resultar de dados recolhidos na prática, sendo que os dados recolhidos se encontram estritamente relacionados com a sensibilidade e objetividade do investigador.

Segundo Carmo e Ferreira (1998) a investigação-ação tem um propósito, sendo este “(...) resolver problemas de carácter prático, através do emprego do método científico” (p.210). A presente investigação só é realizada/implementada a partir de uma “situação real” e não tem como objetivo a generalização dos resultados adquiridos, ao contrário de outras investigações. Tem como principal objetivo a “(...) resolução de um dado problema para o qual não há soluções baseadas na teoria previamente estabelecida” (Carmo & Ferreira, 1998, p.210). Neste tipo de investigação os investigadores dão mais importância ao processo de investigação, do que propriamente aos resultados obtidos.

A investigação qualitativa é **descritiva**, ou seja, deve ser rigorosa e resultar da recolha de dados. Este tipo de dados deve conter: registos de observação, fotografias e entrevista. A entrevista “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.134). Os registos fotográficos são utilizados várias vezes para compreender o sujeito, são dados descritivos importantes, ajudam a recordar pormenores (Bogdan & Biklen, 1994).

O principal método de recolha de dados foi a observação, contou com a participação do investigador tendo este assumido um papel de observador participante propriamente dito. O

investigador deve assumir o seu papel de estudioso, junto com outros papéis sociais, junto ao grupo observado, num local que o permita uma boa observação. O investigador passa a fazer parte da “vida” do grupo observado (Carmo & Ferreira, 1998, p.107). Através de observações pretendeu-se avaliar as crianças, tendo em conta as suas dificuldades e facilidades na realização das atividades

Formam elaboradas grelhas de observação/avaliação, procedendo-se também a registos fotográficos da atividade e entrevista à educadora (Apêndice C), de forma a facilitar a sua posterior análise e avaliação. As grelhas de avaliação utilizadas possuem indicadores numerais de 1 a 5, sendo que a cotação 1 representa as crianças que durante a atividade “nunca” revelaram o determinado indicador, a cotação 2 – “Raramente revelam”, a cotação 3 – “Revelam por vezes”, a cotação 4 – “Revelam quase sempre” e a cotação 5 representa as crianças que “Revelaram sempre” o indicador. “O investigador é o **“instrumento” de recolha de dados**; a validade e a fiabilidade dos dados dependendo muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência” (Carmo & Ferreira, 1998, p.181).

De modo a atingir o objetivo foram realizadas 5 atividades:

1ª: Construção do mural da história “O Nabo Gigante”;

2ª: Representação teatral da história “O Nabo Gigante”;

3ª: “Que Problema!”

4ª: Cubos de Histórias - “Vamos lá Construir!”

5ª: Pavilhão do Conhecimento - “A Casa Inacabada”

Neste artigo iremos analisar apenas duas dessas atividades, nomeadamente a 1ª atividade e a 2ª. Cada atividade teve uma duração diferente, sendo que a totalidade das atividades foi aplicada num mês.

A 1ª atividade foi implementada nos dias 8 e 9 de maio de 2013, a 2ª atividade foi implementada no dia 9 de maio de 2013, ambas sob a forma de observador participante propriamente dito.

Foi implementada uma atividade no *Domínio da Expressão Plástica*, uma no *Domínio de Expressão Dramática*, outra no *Domínio da Matemática*, uma no *Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*, e por fim, outra na *Área do Conhecimento do Mundo*, visando promover o desenvolvimento das competências de cooperação, ajuda entre os colegas, saber ouvir, interagir, expressar e comunicar, partilha de materiais, respeitar e prestar atenção às opiniões dos outros. As três primeiras atividades implementadas desenvolveram-se a partir da leitura da história “O Nabo Gigante”. Para a 1ª atividade foi realizado um mural, para a 2ª atividade foi realizada uma pequena dramatização, para a 3ª atividade foi utilizada uma cartolina com um problema no domínio da matemática, para a 4ª atividade foram utilizados cubos de histórias e a 5ª e última atividade foi realizada no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa.

2.2. Amostra

Participaram neste estudo 25 crianças, sendo 13 do sexo masculino e 12 do sexo feminino de idades entre os 3 e os 5 anos de um jardim-de-infância do Distrito de Lisboa. Foram escolhidas 6 crianças dentro do grupo heterogéneo para serem avaliadas através dos instrumentos já referidos, sendo 3 crianças do sexo masculino e 3 crianças do sexo feminino. Duas crianças têm 5 anos, duas têm 4 anos e outras duas têm 3 anos.

Foi implementada uma atividade no domínio da expressão plástica e outra no domínio da expressão dramática, visando promover o desenvolvimento das competências de cooperação, ajuda entre os colegas, saber ouvir, interagir, expressar e comunicar, partilha de materiais, respeitar e prestar atenção às opiniões dos outros. As atividades implementadas desenvolveram-se a partir da leitura da história “O Nabo Gigante”. Para a 1ª atividade foi realizado um mural e para a 2ª atividade foi realizado uma pequena dramatização, ambas tendo como principal objetivo desenvolver a capacidade de cooperação e comunicação entre as crianças.

2.3. Os procedimentos de recolha de dados

Após a execução das atividades, recorrendo à observação, foram preenchidas grelhas de avaliação de forma a verificar se as 6 crianças revelam *sempre, quase sempre, por vezes, raramente ou nunca*, as competências pretendidas com a atividade. Posteriormente à aplicação da

atividade, foi realizado um diário de bordo reflexivo sobre as dificuldades e/ou facilidades das crianças avaliadas.

Para finalizar, foi realizada uma entrevista à educadora cooperante de forma a verificar se esta considerou ou não, as atividades implementadas importantes para a promoção da cooperação no grupo de crianças.

De seguida apresentamos duas atividades realizadas e as suas respetivas análises.

3. Apresentação e análise de resultados:

De seguida apresentaremos a descrição das duas atividades e analisaremos os resultados das mesmas, tendo em conta as grelhas formuladas para este estudo.

1ª Atividade: Construção do mural da história “O Nabo Gigante”;

A atividade iniciou-se com a leitura da história “O Nabo Gigante”, história essa alusiva à cooperação. Resumidamente, a história trata de um casal de velhinhos que quer tirar um nabo de tamanho gigante da terra mas não conseguem sozinhos, pedindo então auxílio aos seus animais de modo a que todos puxem o nabo. Após a leitura seguiram-se perguntas de interpretação da história: *onde é que o velhinho e a velhinha viviam? O que é que eles semearam e em que estação do ano? Depois de ter chovido muito e tudo ter amadurecido o que é que o velhinho fez? Conseguiram colher todas as ervilhas, todos os feijões, todas as cenouras, todas as batatas e todos os nabos? Porque é que não conseguiram colher o nabo no final da leira? Quem chamaram para os ajudar? Quantos animais chamaram? No final, qual foi o animal que fez a diferença para conseguirem puxar o nabo gigante? O que é que a velhinha fez com o nabo? E quem comeu mais?*

Antes de iniciar a história, perguntei às crianças se sabiam o que era *cooperação* e verifiquei com as respostas obtidas que nenhuma sabia o seu conceito. Expliquei então o seu significado e de modo a perceber se as crianças o tinham assimilado pedi-lhes que identificassem na história se se encontrava esse conceito presente e em que momento da mesma era referido, tendo as crianças identificado de imediato tal comportamento e o momento. Após estas questões propus às crianças

um trabalho em cooperação com o objetivo de verificar se as estas tinham adquirido o conceito através do conto da história.

O trabalho pedido foi a elaboração de um mural alusivo à história lida “O Nabo Gigante” tendo estas à sua disposição vários materiais para a sua elaboração, como papel de cenário, lápis de cera, canetas de feltro e tintas (pincéis e esponjas). As crianças comunicaram entre si de modo a distribuírem tarefas, nomeadamente *quem fazia o quê* para o mural ficar completo. Decidiram então formar grupos de 5 elementos (crianças mais velhas e mais pequenas juntas) e pintarem à vez de modo a haver espaço para desenhar. Os elementos acordados para desenhar foram todas as personagens da história, o céu, a terra e o nabo. Conforme iam terminado a sua parte do desenho, chamavam as outras crianças para desenhar ou colorir. E assim foi elaborado o mural da história “O Nabo Gigante” em cooperação (Imagem 1).



Imagem 1: Mural da história “O Nabo Gigante”

Ao analisarmos os resultados obtidos (Tabela 1) através do preenchimento das grelhas de observação verifica-se que a criança B.S. manifestou a competência *presta atenção às ideias/opiniões dos outros* mais baixa, sendo classificada por *revela por vezes*. A presente criança tem algumas dificuldades em ouvir a opinião dos seus colegas porque gosta que a sua opinião prevaleça sempre. Gosta de ser ela a comandar, no entanto sabe “dar o braço a torcer” quando ouve uma ideia que considera melhor que a dela. Demonstra um pouco a sensação de irritabilidade por não ter sido ela a pensar naquela ideia.

A criança C.P. expressa as competências *manifesta cooperação* e *presta atenção às ideias/opiniões dos outros*, permanecendo o seu comportamento nos descritores num nível elevado, sendo classificados com o nível 4 – *Revela quase sempre*.

A criança G. N. revela as seguintes competências com o nível 4: *manifesta cooperação; empenha-se na realização da atividade; presta atenção às ideias/opiniões dos outros; ajuda os colegas* e por fim, *escuta a pessoa que fala*. Verifica-se que a G.N. apresenta os descritores igualmente num nível elevado.

A criança M.P. tem as competências *manifesta cooperação* e *ajuda os colegas* como mais baixas, revelando-as apenas *por vezes*. Esta criança é uma das mais novas do grupo, tendo apenas 3 anos. Tem alguma dificuldade por isso, não ajuda muito os colegas. É de realçar que esta atividade foi a primeira de 5 realizadas ao longo da prática pedagógica e o conceito de cooperação ainda não estava bem presente no grupo de crianças.

A criança N. M. tem 3 anos e é a mais nova do grupo de 25 crianças, no entanto, como podemos observar, manifesta um nível de cooperação mais elevado do que crianças de 4 e 5 anos. Tem apenas um nível mais baixo no que diz respeito à ajuda aos colegas, mesmo assim com nível 4.

Por fim, a criança R.P. apresenta todas as competências no nível máximo exceto *escuta a pessoa que fala*. Esta tem 4 anos e é do grupo a mais nova dentro da sua faixa etária.

Tabela 1: Construção do mural da história “O Nabo Gigante”

Competências Nomes das crianças	Manifesta cooperação	Empenha-se na realização da atividade	Presta atenção às ideias e opiniões dos outros	Ajuda os colegas	Interessa-se pela atividade	Escuta a pessoa que fala	Partilha os materiais	Sabe expressar-se e comunica de forma adequada
B. S.	4	5	3	4	5	4	4	5
C. P.	4	5	4	5	5	5	5	5
G. N.	4	4	4	4	5	4	5	5
M. P.	3	5	4	3	4	4	4	4
N. M.	5	5	5	4	5	5	5	5
R.P.	5	5	5	5	5	4	5	5

2ª Atividade: Representação teatral da história “O Nabo Gigante”;

Na continuação da história “O Nabo Gigante” propus às crianças a realização de um teatro. Elas ficaram muito entusiasmadas porque não costumam fazer dramatizações de histórias. Comecei por recontar a história para as crianças se recordarem da mesma e posteriormente pedi-lhes que combinassem entre elas a distribuição das personagens da história. Escrevi os nomes e o número das personagens da história no quadro e à frente desses coloquei os nomes das crianças que os iriam representar, conforme me iam ditando.

De seguida iniciou-se a dramatização, onde eu narrei a história e ao mesmo tempo as crianças representaram a sua personagem e as ações nelas inerentes (Imagem 2).



Imagem 2: Identificação do momento de cooperação na história “O Nabo Gigante” e distribuição das personagens para a realização da dramatização.

Relativamente à 2ª atividade, após a leitura da Tabela 2 verifica-se que a criança B.S. apresenta algumas competências de nível inferior, tais como *manifesta cooperação; empenha-se realização da atividade; presta atenção às ideias/opiniões dos outros; escuta a pessoa que fala*. A presente criança apresentou algumas distrações no decorrer desta atividade, nomeadamente, olhar para o lado prestando atenção ao que os colegas estavam a fazer e conversar com colegas que não estavam a realizar a mesma atividade. No entanto a sua classificação é bastante elevada.

A criança C.P. manifesta todas as competências no nível 5 - *Revela sempre*. Foi excelente na realização da atividade demonstrando-se sempre empenhada em tudo o que realizou.

A criança G. N. revela as seguintes competências com o nível 4: *presta atenção às ideias/opiniões dos outros; ajuda os colegas* e por fim, *escuta a pessoa que fala*. Sendo o nível 4 um dos mais elevados, a criança apresentou pequenas distrações na realização da atividade, e por isso não teve a classificação máxima. Na realização da atividade, e por isso não teve a classificação máxima. A criança nem sempre prestou atenção ao que os colegas diziam porque estava distraído e por isso quando alguém perguntou se ele tinha ouvido a criança respondeu que não. Ao observar que uma colega precisava de ajuda para tirar um pincel, a criança G.N. não a ajudou, referindo “Não te ajudo, faz sozinha”. Penso que a criança G.N. tenha referido isto porque não conversa muito com a outra criança, pois quando outra criança lhe pediu para lhe passar o copo de água, a mesma levantou-se e foi colocar água limpa para a sua colega molhar o pincel.

A criança M.P. manifesta 3 competências mais baixas nesta atividade, classificadas com nível 3 - *Revela por vezes*, nomeadamente *presta atenção às ideias/opiniões dos outros; ajuda os colegas* e *escuta a pessoa que fala*. Como já referi anteriormente, esta criança é uma das mais novas do grupo, tendo apenas 3 anos, por isso a sua capacidade de concentração para a realização da atividade é mais reduzida do que a das restantes crianças.

A criança N. M. também tem 3 anos e é a mais nova do grupo, tal como referi anteriormente. No entanto, como podemos observar, manifesta todas as competências classificadas com nível 5 - *Revela sempre*. Manifestou cooperação, empenho, interesse, soube ouvir e expressar-se, prestou atenção e ajudou os colegas no que conseguiu, apesar do seu pequeno tamanho.

Por fim, a criança R.P. também foi classificada com nível 5 em todas as competências.

Tabela 2: Representação teatral da história “O Nabo Gigante”

Competências Nomes das crianças	Manifesta cooperação	Empenha-se na realização da atividade	Presta atenção às ideias e opiniões dos outros	Ajuda os colegas	Interessa-se pela atividade	Escuta a pessoa que fala	Partilha os materiais	Sabe expressar-se e comunica de forma adequada
B. S.	4	4	4	5	5	4	—	5
C. P.	5	5	5	5	5	5	—	5
G. N.	5	5	4	4	5	4	—	5
M. P.	5	5	3	3	4	5	—	4
N. M.	5	5	5	5	5	5	—	5
R.P.	5	5	5	5	5	5	—	5

Conclusões:

As atividades implementadas tiveram como principal objetivo promover a aprendizagem cooperativa, fomentando a cooperação e a comunicação entre as crianças. Com a ajuda das grelhas de observação tornou-se mais fácil a avaliação das mesmas.

É de realçar que as atividades apresentadas foram as primeiras, de cinco, para fomentar a cooperação e comunicação, através da aprendizagem cooperativa. No entanto, como podemos observar na Tabela 1, a maioria das crianças revela as competências avaliadas, não se encontrando nenhuma no descritor *raramente* ou *nunca*, tal como acontece na Tabela 2.

Em relação às duas grelhas de observação podemos notar um crescimento geral dos níveis de classificação das competências, sendo que na Tabela 1 são apresentadas 3 competências diferentes com nível 3 de duas crianças diferentes, e na Tabela 2 apenas são apresentadas 3 competências de nível 3 na mesma criança. Com a implementação das restantes atividades as crianças foram subindo de nível até conseguirem todas, na última atividade, atingir o nível 5.

Em relação à primeira atividade, Hohmann e Weikart (2011) defendem que

O tempo de pequenos grupos apoia-se nas capacidades das crianças, introduz-lhes materiais e experiências que elas poderiam de outra forma não manipular nem vivenciar, e proporciona aos

adultos, a um ritmo diário, um contexto de observação e aprendizagem sobre cada uma das crianças consideradas individualmente (p. 275).

Em relação à segunda atividade apresentada, as OCEPE (ME, 1997) referem que

Também decorre da intervenção do educador a possibilidade de chegar a dramatizações mais complexas que implicam um encadeamento de acções, em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não verbal (p. 60).

No geral, devemos salientar que “O educador alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças” (ME, 1997, p.35). Se o grupo de crianças for de idades distintas, favorece este processo de cooperação.

Referências Bibliográficas

- Bessa, N. & Fontain, A. (2002). *A aprendizagem cooperativa numa pós-modernidade crítica. Educação Sociedade e Culturas n.º 18, p. 123 – 147*. Porto e Bragança: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e Instituto Politécnico de Bragança
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação – Guia prático para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Cochito, M. (2004). *Cooperação e aprendizagem*. Porto: ACIME
- Fernandes, A. (2012). *Práticas de Ensino do Futuro Educador/Professor e Aprendizagem Cooperativa*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Freitas, C. (1997). *A Aprendizagem Cooperativa* in M. Patrício (org.) *Formar Professores para a Escola Cultural no Horizonte dos Anos 2000*, 163 – 177. Porto: Porto Editora
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. (6.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacó, J. (2012). *O papel da aprendizagem cooperativa na promoção da socialização e do sucesso académico em crianças da educação pré-Escolar e do 1º ciclo do ensino básico*. (Dissertação de Mestrado). ESE Instituto Politécnico de Beja: Beja.

- Lopes, J. & Silva, H. (2008). *Métodos de aprendizagem cooperativa para o jardim-de-infância – um guia prático com atividades para os educadores de infância e para os Pais*. Porto: Areal Editores.
- Lopes, J. & Silva, H. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel
- Ludovino, P. (2012). *A aprendizagem cooperativa: uma metodologia a aplicar nas disciplinas de História e de Geografia*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto.
- Maluf, A. C. M. (2009). *Atividades lúdicas para educação infantil*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Ribeiro, C. (2006). *Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: uma estratégia para aquisição de algumas competências cognitivas e atitudinais definidas pelo Ministério da Educação*. Dissertação de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
- Santos, D. (2009). *Ludicidade em sala de aula: um caminho para o desenvolvimento da criança*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade do Estado da Bahia.